



## **SOFRIMENTO E PRAZER NO TRABALHO: RELATO DE DIFERENTES CATEGORIAS PROFISSIONAIS**

**Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura<sup>1</sup>, Reginaldo Adriano de Souza<sup>2</sup>,  
Lilian Beatriz Ferreira Longo<sup>3</sup>, Márcio Rocha Damasceno<sup>4</sup>, Thiara Guimarães  
Heleno de Oliveira Pôncio<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Doutora em Ciência da Informação, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG,  
ritamartins@sempre.unifacig.edu.br.

<sup>2</sup>Mestre Profissional em Administração, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG,  
reginaldoberbet@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestre em Administração, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG,  
lilian@sempre.unifacig.edu.br.

<sup>4</sup>Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG, psicologia@unifacig.edu.br.

<sup>5</sup>Mestre em Hemoterapia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG, enfthiara@hotmail.com

**Resumo:** O objetivo central desse estudo é identificar a relação com o trabalho de diferentes categorias profissionais no que diz respeito ao sofrimento e prazer que a atividade traz para os seus ocupantes. O estudo tem como base teórica os trabalhos que debatem as relações entre saúde e doença mental no trabalho que, na contemporaneidade, se tornou ponto central no que diz respeito à execução de uma atividade laborativa. Para a realização do estudo optou-se por uma pesquisa descritiva baseada em uma estratégia qualitativa em que a história oral foi o instrumento para a coleta de dados. Os relatos obtidos demonstram os vínculos, a identidade, os pontos de prazer e as situações que causam sofrimento aos profissionais estudados. De forma geral, percebe-se que todos, sem desconsiderar suas individualidades, possuem identidade com o trabalho que realizam e, apesar dos pesares, gostam do trabalho que se dispuseram a realizar.

**Palavras-chave:** Prazer; Saúde Mental; Sofrimento; Trabalho.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas.

## **SUFFERING AND PLEASURE AT WORK: REPORTS FROM DIFFERENT PROFESSIONAL CATEGORIES**

**Abstract:** The main objective of this study is to identify the relationship with work of different professional categories concerning suffering and pleasure that the activity brings to its occupants. The study is based on theoretical works that discuss the relationship between health and mental illness at work, which, in contemporary times, has become a central point regarding the execution of a labor activity. To carry out the study, a descriptive research was chosen based on a qualitative strategy in which oral history was the instrument for data collection. The reports obtained demonstrate the bonds, identity, pleasure points and situations that cause suffering to the professional studied. In general, it is perceived that everyone, without disregarding their individualities, has identity with the work they do and, despite the regrets, they like the work they were willing to do.

**Keywords:** Pleasure; Mental Health; Suffering; Work.

### **INTRODUÇÃO**

Ao longo da história contemporânea, o mundo do trabalho e por conseguinte o conceito de trabalho sofreu inúmeras metamorfoses, principalmente no que diz respeito à organização e a sua centralidade na vida das pessoas. Não se pode desprezar as diversas crises que o “mundo do trabalho” passou, conforme denominado por Antunes (2009), o que gerou para a classe que vive do trabalho diferentes teias as quais levam a ter relações e comportamentos de diferentes nuances. O contexto de precarização que envolve o mundo do trabalho impulsiona o repensar sobre essa atividade e faz com que os diferentes profissionais coloquem na balança, em busca de equilíbrio, de um lado a necessidade

de sobrevivência e, de outro, o trabalho como atividade significativa e como processo de transformação da natureza alinhado ao conceito de Marx (2002).

Nessa direção, Antunes (2009, p. 233) argumenta que o trabalho desempenha um papel contraditório na vida das pessoas, ou seja, “ao mesmo tempo cria e subordina, emancipa e aliena, humaniza e degrada, oferece autonomia, mas gera sujeição, libera e escraviza”. Essa pluralidade de olhares tem relação direta com os múltiplos conceitos sobre o trabalho que vai desde um castigo que nos é dado como consequência dos atos de Eva na Bíblia e personificado no Castigo de Sísifo, até a concepção de que é por meio dele que o homem se humaniza fazendo-o diferente dos animais pela capacidade de pensá-lo e criá-lo (MARX, 2002).

Um desses conceitos é apontado por Arendt (1995) que diferencia labor de trabalho. Para ela labor está associado a um fazer de forma instintiva, mecânica o que dá um caráter animalesco ao ato. Já o trabalho, para a autora, é uma atividade transformadora envolvendo a natureza e o saber, produzindo coisas duráveis que constrói o mundo. Contudo, Carbone, Brandão e Leite (2009, p. 155) argumentam que dependendo da forma como a atividade é realizada pelo homem ela pode perder o sentido, ou seja, “na medida em que deixa de ser atividade específica do *homo faber*, que constrói o mundo para a sua morada, o trabalho humano tende a se igualar à atividade do *animal laborans*, que trabalha apenas para sobreviver enquanto espécie”.

Ampliando o conceito de trabalho, Lhuillier (2013, p. 483) afirma que “o trabalho é realizado com os outros, para os outros, ele é subordinado a um objetivo coletivo [...] Assim sendo, ele é objeto de enfrentamentos e de conflitos”. Desse modo, o trabalho é uma atividade fundamentalmente social e coletiva, que além de identidade individual se fundamenta no aspecto coletivo. Continuando em sua análise, Lhuillier (2013, p. 484) argumenta que o “trabalho é bem a cena onde se confrontam, simultânea e dialeticamente, a relação consigo, a relação com o outro e a relação ao real”.

Como já apontado por Antunes, o trabalho é um conceito paradoxal que envolve tanto prazer quanto sofrimento. Dejours (1991, p. 25) questiona o que “no trabalho, é acusado como fonte específica de nocividade para vida mental?” Respondendo a essa inquietude, o autor aponta que as condições do trabalho e a sua organização tem relação direta com o sofrimento e, também, com o prazer.

Sob essa perspectiva, se faz necessário compreender os aspectos que são capazes de gerar prazer e sofrimento com o intuito de estabelecer um nexos causal, se for possível, entre trabalho e saúde mental de diferentes categorias profissionais. Há que se lembrar entretanto, que o ser humano se relaciona de forma diferente com sua atividade produtiva o que pode gerar consequências também diferentes tornando o estudo e os seus resultados vinculados à história de cada um dos participantes.

Com base nos relatos obtidos infere-se que os diferentes profissionais tem o trabalho como ponto central em suas vidas como uma atividade que lhes garante a sobrevivência e como forma de se manterem. Chama atenção a relação de um desses profissionais que entende o seu trabalho como algo essencial e, mais ainda, tem por ele uma verdadeira paixão. Contudo, reconhecem que, em alguns momentos, esse trabalho é também fonte de tensão, de sofrimento e causador de patologias. E, na mesma proporção, são capazes de reconhecer nele aspectos de prazer e, principalmente, de compreenderem que os resultados obtidos são fonte de reconhecimento e de sensação de dever cumprido.

## METODOLOGIA

O delineamento metodológico adotado se configura em um trabalho descritivo com uma estratégia qualitativa e que teve como instrumento de coleta de dados a história oral.

No que diz respeito à estratégia qualitativa, Godoy (1995, p. 21) aponta que as pesquisas qualitativas permitem ao pesquisador “captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”.

Optou-se pelo instrumento de coleta de dados a História Oral a partir da compreensão de que “a construção do conhecimento por meio do contar sua história [...] oportunizará um melhor entendimento do contexto de trabalho e, ao mesmo tempo, conhecer a realidade sócio-histórica a partir da perspectiva do sujeito que está envolto no processo (COLOMBY *et al.*, 2016, p. 1).

Para a seleção da amostra, foi utilizado o método não probabilístico por conveniência. Na perspectiva de Malhotra (2001, p. 306) “a amostragem por conveniência procura obter uma amostra de elementos convenientes [...] em que os entrevistados são escolhidos, pois se encontram no lugar exato no momento certo”. Sob essa perspectiva foram selecionados 4 profissionais sendo que uma trabalha como Policial Penal, outra como caminhoneira, outro como gari e outro como auxiliar funerário.

Após a coleta de dados, as informações coletadas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo cuja técnica na perspectiva de Bardin (2011) tem como aspecto principal o desvendar crítico das informações recebidas permitindo a compreensão, a utilização e aplicação de determinado conteúdo para explicar as relações existentes entre os temas pesquisados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Citando Amartya Sen e Martha Nussbaum, Sennet (2012, p. 43) quando apontam que “nossas capacidades emocionais e cognitivas se realizam insatisfatoriamente na sociedade moderna; os seres humanos são capazes de mais do que as escolas, os locais de trabalho, as organizações civis e os regimes políticos permitem”. Essa afirmativa descreve as condições e a organização das diversas atividades de trabalho que permeiam nossa sociedade. Mais do que fazer sentido e possuir lugar central em nossa vida, o trabalho precisa ser mais fonte de prazer do que de sofrimento considerando nossas pulsões, pluralidade e diversidade.

Dejours (1991) sustenta que todo sofrimento mental é decorrência direta da maneira como o trabalho foi organizado envolvendo as responsabilidades, as relações de poder, a hierarquia, as formas de submissão, os aparatos tecnológicos e o conteúdo do cargo que são realizados pelo profissional. Desse modo, todos os profissionais por trabalharem envolvidos nessas variáveis precisam desenvolver estratégias que os façam se equilibrar na corda bamba desse cenário e se manterem saudáveis. Corroborando essas análises, Lhuillier (2013) afirma que o sofrimento do trabalhador é consequência do embate entre o que se deseja e o que se realiza, quando o peso das pressões é tão intenso que não deixa espaço para o jogo da sublimação deflagrando uma luta cruel contra ele mesmo. Já o prazer, para o autor, surge da oportunidade de criar, da ação singular e identitária que faz com que o trabalhador se reconheça naquilo que ele realiza e em consonância com seus valores e ideais chegando, às vezes, a criarem vínculos afetivos.

Dos relatos obtidos e analisados tem-se que os profissionais apresentam os seguintes vínculos com o seu trabalho.

### Agente Funerário/Assistente Familiar:

O agente funerário, que atualmente não exerce mais essa função dentro da empresa, relata que era vendedor externo da empresa e, no momento da pandemia do COVID-19, ele foi transferido para o cargo de auxiliar de funerária. No cargo de auxiliar de funerária ele ficou 6 meses e, por não ter perfil para o cargo, ele foi transferido para o de Assistente Familiar. Na análise dele,

o meu trabalho eu entendo como uma missão. Ajudar as pessoas em um momento tão difícil, é uma carga muito negativa. Eu tenho hoje, o meu porto seguro, minha fé em Deus, e é nele que eu lanço minhas angústias, minhas tristezas.

Percebe-se que esse profissional, vê o trabalho que realiza como algo importante e que, em algum momento, todas as pessoas irão precisar. Outro ponto a salientar é a concepção de vida que ele passou a ter depois de estar nesta organização. Para esse profissional, “também por conta da pandemia, eu procuro viver da melhor forma possível o meu presente. Entendi, mais do que nunca, que o amanhã não existe. Amanhã é uma possibilidade que podemos ter ou não. É uma expectativa, temos que viver o presente”.

Com base nesses valores, o profissional leva a sua vida dentro dessa urgência. Ainda sobre o cargo de Auxiliar de Funerária inicialmente foi um choque. Segundo ele,

os três primeiros dias eu fiquei só observando, naquele momento eu pensando: isso aqui não é pra mim. Tudo que é novo, a gente tem dificuldade, mas depois do terceiro dia, foi uma coragem, eu pensava, meu Deus tem misericórdia! Mas eu procurei me adaptar. No terceiro dia eu pedi para tocar, para participar daqueles procedimentos. Eu tinha que vencer a minha dificuldade. Quando eu fiz, acabou aquela sensação estranha que eu estava sentindo. Superei a primeira etapa.

Do Nascimento *et al.* (2019) apontam que esses profissionais são conhecidos como “trabalhadores da morte”, não são valorizados pela sociedade, não são bem remunerados e, por consequência, não há motivação para a escolha dessa profissão.

O profissional aponta que um dos momentos mais difíceis na profissão dele é lidar com a morte de criança. Explicando, ele aponta a associação direta com a filha e, por isto, tem um olhar sofrido e um sentimento de tristeza profunda quando se depara com uma criança morta. Esse momento o impacta muito. Por isto, na perspectiva dele, o auxílio de uma psicóloga seria fundamental: “as atividades que são realizadas na empresa são pesadas, a gente precisa de um profissional para nos ajudar. A gente lida com muita tristeza, com desespero das pessoas e, nós, temos que ter tranquilidade [...] agir com serenidade”. Segundo ele, é um setor que tem uma taxa de rotatividade muito elevada, tem pessoas que não aguentam a pressão, é um desgaste emocional muito grande.

Para o profissional “tem momentos que a gente fica muito estranho. A gente tem um porão, igual esse de casa, onde a gente vai guardando, guardando e tem momentos que a gente precisa parar e pegar as coisas que não precisam e jogar fora”. Esse relato corrobora as análises realizadas por Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) ao afirmarem que esses profissionais formam uma categoria ocupacional exposta cotidianamente a violência física e psíquica por lidarem com o fator morte que os colocam submetidos a toda espécie de sofrimento mental. Continuando o profissional aponta que “teve momento que eu tive que cuidar e no fundo eu precisava ser cuidado, precisava ser ouvido. A gente precisa de um momento para se esvaziar, para falar, para ser ouvido”. Tal aspecto exige desses profissionais o desenvolvimento de diferentes estratégias de enfrentamento para se manterem em um estado de tentativa de equilíbrio frente ao cotidiano. Porém, no relato do profissional percebe-se as dificuldades dos “outros” em aceitarem essa necessidade. De acordo com ele “não é cansaço físico, às vezes é mental. Mas se você falar, pode falar que você é fraco. Tem momentos que a gente fica muito sozinho”. Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) afirmam que nesse ambiente de tanto sofrimento, esses profissionais com o tempo de serviço vão aprendendo e desenvolvendo formas de enfrentamento ocasionadas pelas experiências vividas. Contudo essas formas não os protegem de todas as situações deixando-os à mercê de todo sofrimento proveniente de suas atividades.

Em relação aos momentos de prazer que ele encontra no trabalho, o profissional fala com emoção de sua experiência. De acordo com ele é “sentir-se útil, é tentar amenizar esse momento das pessoas”. De acordo com ele, o profissional tem que “compreender que cada caso é um caso, é muito singular e não tem rotina”. “É esse sentimento de utilidade em um momento de tanta dor que nos faz compreender que o nosso trabalho é importante”.

#### Policial Penal:

O relato dessa profissional foi carregado de emoções. Ela é policial penal há 13 anos. Segundo ela a opção pelo trabalho de Policial Penal iniciou-se quando ela se descobriu grávida de seu único filho e decidiu voltar para perto da família dela. Isto ocorreu porque ela não queria que o filho passasse por momentos de solidão como ela havia passado por morar longe de sua família. Dessa forma, ela optou por fazer o concurso e se tornar uma funcionária pública.

A partir de então, com a aprovação, ela se viu às voltas com um mundo completamente novo e, ao mesmo tempo, totalmente desconhecido. Um mundo que nunca havia feito parte da realidade dela. Assim que ela foi aprovada e foi para os treinamentos iniciais ela percebeu que naquele universo não havia diferenças de gênero, “não que ela quisesse!”, mas não havia distinção entre as atividades e, das mulheres, eram cobradas por mais empenho e mais esforço. Segundo ela sempre há poucas mulheres nessa profissão o que é corroborado pelos números de policiais penais no Estado de Minas. Segundo dados do SEJUSP – Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública – tem-se 2.020 Policiais Penais Femininas efetivas e 247 contratadas em um total de 13.640 contando com os contratados (dados referentes a setembro/2022). Segundo o relato da profissional,

o trabalho é misto, homens e mulheres trabalhando conjuntamente. Das que entraram somente ela continua [...]. Temos carga horária igual e todos os procedimentos são iguais. O curso de formação te prepara para o pior cenário possível, físico e emocional. O curso é terrível. Lá, no curso, não tem mulher e nem homem. A farda é igual, homem e mulher. E o uniforme faz com que você não exista.

A profissional tem um vínculo paradoxal com o seu trabalho. Ao mesmo tempo que é comprometida e responsável com suas atividades espera ansiosamente pela sua aposentadoria. Segundo ela isto acontece porque “antes” haviam mulheres presas na penitenciária, ela realizava o trabalho para o qual ela fez concurso, e hoje não tem mais, elas foram transferidas para outros locais. Desta forma, o trabalho que cabe a ela é a parte burocrática e o serviço de escolta, atividades que ela,

particularmente, não gosta. Entretanto percebe-se que o vínculo dela com o trabalho é mais complexo. Em seu relato ela faz questão de apontar “que vou aposentar daqui a 2 anos, e eu vou passar uma borracha, sem saudade nenhuma. Meu tempo já passou, físico e mentalmente. Foi bom? Foi. Mas o tempo já passou”.

Outro ponto apresentado pela profissional é a separação da vida de trabalho da vida privada. Em seu relato ela faz questão de afirmar essa distinção. “Meu filho não sabe nada do presídio, é outro mundo. [...] Trabalho é separado da minha vida privada. Meus irmãos não sabem nada, minha família não sabe, não sabem de história alguma. Eu chego em casa e não uso nenhum termo que preso usa, meu vocabulário é outro”.

Quanto ao aspecto de sofrimento ela aponta a violência, a banalização da violência. De acordo com ela “a gente vai morrer e não vamos ver toda a maldade do mundo. Eu não tinha noção do que era maldade, mentira, trambicagem [...]”. Ela relatou um fato marcante em sua vida: “um detento foi morto em sua cela. Na cela tinham 20 pessoas e eles o mataram com as mãos e ficaram 3 dias na cela, com ele morto! Eu achei isso um absurdo [...] os presos o mataram de forma tão agressiva, matar é o último ponto, não importa o que a pessoa fez”.

Esse contexto de violência faz com que o trabalho do policial penal seja de constante alerta. Alcântara (2021, p. 6) em seu estudo com policiais penais encontrou que “lidar diariamente com o sofrimento humano, a falta de reconhecimento, a carência de estrutura da carreira, o sentimento de insegurança e de desconfiança e as más condições de trabalho, afetam a percepção de agradabilidade do profissional sobre a sua função, alterando o seu desempenho”. Esses achados foram reafirmados no relato da profissional, segundo ela, o descontrole emocional interfere diretamente em sua vida privada: “tem momentos que eu chego em casa muito nervosa e quando eu vejo já briguei. Reflexo do meu trabalho”. Colegas dela, em seu relato, já adoeceram, já suicidaram, têm quadros de depressão e outras patologias sérias as quais são consequências do trabalho. “É muita pressão, muitos conflitos [...] e se você não tiver equilíbrio a gente não sai dali. A gente não tem vida [...] você tem sempre que estar disponível pois pode acontecer algo que irão precisar de você”.

Tem coisas boas, apesar de tudo, esse aspecto me dá prazer: “lidar com as pessoas, não importa o que ela fez. Tem coisas difíceis de lidar, mas eu gosto. Eu sou firme e sempre tive uma relação de conversa, enérgica, mas com educação. Não me interessa o que ela fez, não tem nada haver. Então, por isto, elas sempre me respeitavam. É a relação com gente que faz com que o trabalho seja bom”.

Quando perguntado a ela, se ela faria tudo igual, agora que conhece o ambiente ela relata que,

se eu pudesse voltar atrás se eu seguiria outro caminho? Eu não entraria, é porque a gente não conhece [...]. Já foi muito satisfatório, quando tinha as mulheres. Eu gostava de trabalhar com elas. Hoje não, hoje eu quero é sair. Principalmente pela minha saúde, as coisas ficaram muito difíceis e eu estou bem cansada. Se eu pudesse voltar, eu talvez ficaria até com a sala de aula. Ainda hoje eu assusto com a maldade do mundo. Mulher que matou o filho de três meses porque queria sair, jogou ele na parede, estas coisas. É muita maldade. A violência ali é banalizada.

Caçambeira:

Diferentemente dos outros profissionais, a motorista de caminhão faz questão que a chamem de caçambeira. Ela é vidrada em seu trabalho e relata que o “caminhão é a paixão dela”. Segundo ela, a família toda trabalha com caminhão e ela seguiu os passos do pai e dos irmãos. Primeiro, ela relata que teve necessidade de trabalhar e como eles, ela e o marido, tinham um caminhão ela foi trabalhar de motorista após a separação do marido.

Em todo o seu relato, percebe-se o vínculo afetivo dela com o trabalho que realiza. Esse aspecto pode ser analisado sob a perspectiva de Dejours (2007, p. 43) o qual afirma que o trabalho significa uma forma “de afirmar sua própria identidade, assim a realização da tarefa é caracterizada como algo útil, com finalidade e objetivo. A identidade com a tarefa lhe permite o sentimento de realização e satisfação na execução de um trabalho”. É justamente esse identificação com o trabalho que se percebe em todo o relato dessa profissional.

Quando perguntado sobre os pontos de prazer em sua atividade ela aponta o trabalho de forma geral. Em toda a sua atividade, na rotina, na conclusão de um trabalho, todos esses aspectos lhe garante um sentimento de realização em seu trabalho.

As dificuldades apresentadas por ela em seu relato, é a necessidade de sempre “estar provando que é capaz”. De acordo com ela, algumas vezes, com os clientes que não conhecem o seu trabalho ela precisa demonstrar que ela é capaz. Para vencer essas situações, ela sempre se impõe e busca

utilizar de estratégias para vencer esse machismo que está implícito em seu ambiente de trabalho. Esses argumentos foram comprovados nos estudos de Salvagni (2020, p. 580) que afirma que as mulheres,

são parte de uma construção social que vem reforçando ao longo do tempo a ideia de que elas não são capazes de realizar determinadas atividades sob a justificativa de uma incapacidade física.

Já os pontos que causam sofrimento é o ambiente em que o trabalho acontece. A profissional entrevistada é extremamente vaidosa e, segundo ela, as condições de trabalho são péssimas pois a poeira é insuportável. Além desse aspecto, é o machismo que segundo ela, “eu já abandonei um trabalho pois o cliente quando viu que ela era mulher nem quis saber, não quis ouvir” aí ela ficou muito triste e largou o serviço antes mesmo de iniciar.

Contudo, esses são detalhes menores, não chegam a afetá-la. Ela adora o serviço e a surpresa que causa quando as pessoas percebem que ela é mulher e dirige um caminho caçamba. Na cidade é somente ela que tem essa atividade e isto dá a ela muito orgulho.

Gari:

Já com um histórico de trabalho em outras empresas, esse profissional aponta que gosta muito de trabalhar no Samal – Serviço Autônomo Municipal de Limpeza Urbana – da cidade. Há exatamente 20 anos ele desempenha essa atividade e, “o salário é muito bom, eu ganho 3 salários e com o extra o salário fica muito bom. Em comparação com outros serviços aqui na cidade, o meu paga bem”.

Outro aspecto que lhe dá satisfação é o fato das “pessoas da rua em que ele trabalha” o conhecer e ter amizade com ele. “São médicos, advogados e outros profissionais que acabam por ajudá-lo com alguma coisa. Além de que eles dão serviço a ele como cuidar do jardim, fazer pequenos reparos etc”.

Ele relatou que os filhos dele, no início, tinham “nojo, não é vergonha. Era nojo porque às vezes eu chegava muito sujo e com um cheiro ruim. Hoje eles trabalham na Usina de reciclagem”.

Foi apresentado a ele os resultados de um estudo sobre Garis cujas análises apontam para a invisibilidade social. Costa (2008, p. 10 e 58) afirma que há “uma espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens [...] eu era um uniforme que perambulava: estava invisível”. O entrevistado discorda e aponta que nunca viveu uma situação como essa, talvez, “por estarmos em uma cidade que o nosso trabalho é realizado em ruas fixas, assim todos me conhecem”. Porém, ele relatou que um amigo dele foi vítima de discriminação. Segundo ele, “uma pessoa jogou uma sacola de lixo e água no gari do alto do prédio. Nós ficamos muito revoltados, mas o diretor nos apoiou e deu a ordem para ninguém varrer aquela rua. O lixo foi acumulando e os moradores foram até o Samal e perguntaram o por que daquela situação. O diretor explicou o que estava acontecendo e pediu respeito para com os garis”. Aí mudou “mas, eu percebo que as pessoas às vezes tem nojo, acham que a gente tem uma doença e chama a gente de catinguento. Hoje, é diferente, tem mais respeito, as pessoas conversam com a gente, ou seja, elas nos consideram. Acho que a sociedade está mudando”.

No relato dele, a empresa se preocupa com eles e “sempre dão treinamento objetivando o cuidado no recolhimento do lixo como agulhas, vidros, drogas etc”. Contudo, ele aponta que entre os colegas estão sendo percebidos muitos casos de depressão, principalmente depois dessa pandemia, “Mas eu acho que não é por causa do serviço. Acho que as pessoas estão com a vida muito complicada. Tem gente precisando de dinheiro e aí fica fazendo hora extra, sábado, domingo e feriado. As pessoas querem fazer, para ganhar muito e esquecem de cuidar da saúde. Cada vez mais querem dinheiro [...]”.

Analisando todos os relatos percebe-se que os profissionais possuem vínculos afetivos e de subsistência com o trabalho. Arendt (1995, p. 24) aponta que “o indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho”. Vivemos em uma sociedade de trabalhadores, segundo a autora, e essa sociedade “sem trabalho é como uma ameaça inquietante”. Reafirmando essa análise Codo (2006, p. 186) afirma que “o trabalho é o modo de ser do homem, e como tal permeia todos os níveis de sua atividade, seus afetos, sua consciência, o que permite que os sintomas se escondam em todos os lugares: quem garante que o chute no cachorro ao retornar para casa não se deve a razões de ordem profissional?”

## CONCLUSÃO

Estudar o trabalho e seus diferentes vínculos e significados é se colocar em um lugar sujeito a múltiplos focos. Os relatos obtidos demonstram o quão paradoxal é a nossa relação com essa ação tão essencial em nossas vidas. Procurou-se com esses profissionais dar voz a categorias que já foram estudadas e, apesar disso, precisam ainda serem ouvidas. Compreender o desafio imposto às mulheres, como a policial penal e a caçambeira, é necessário principalmente quando essas estão em locais diferentes daqueles socialmente estabelecidos para elas. Esse fato não torna o Gari e o Auxiliar Funerário menos importante, pelo contrário, os coloca em um patamar necessário para que se estabeleça entendimentos sobre os possíveis nexos existentes entre trabalho e saúde mental.

O objetivo desse estudo foi compreender os aspectos que são capazes de gerar prazer e sofrimento sempre com o intuito de estabelecer umnexo causal, se for possível, entre trabalho e saúde mental de diferentes categorias profissionais. Desse modo, os aspectos relatados como pontos de sofrimento estão, em sua maioria, voltados para a desvalorização do profissional e que envolvem choques psicológicos significativos. No que diz respeito ao prazer esse se volta para o reconhecimento, para a valorização social e para a consciência de dever cumprido.

Há de se considerar que as histórias relatadas pelos profissionais são únicas e dizem respeito ao cenário em que eles estão vinculados. Desta forma, as análises realizadas não se constituem verdades absolutas da categoria profissional a que esses pertencem. Apenas retratam uma história de vida singular e o ambiente a que essas estão ligados.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. V. **Sentido do trabalho**: análise da percepção dos policiais penais de Minas Gerais. 2021. Disponível em: < <http://monografias.fjp.mg.gov.br/handle/123456789/2776>>. Acesso em 15 Set 2022.

ANTUNES, R. **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARBONE, P. P.; BRANDÃO, H. P.; LEITE, J. B. D. Gestão por competências e gestão do conhecimento. In: **Gestão por competências e gestão do conhecimento**. 2009.

CODO, W. **Por uma Psicologia do Trabalho: ensaios**. Casa do Psicólogo, 2006.

COLOMBY, R. K. et al. Histórias de Vida como um caminho metodológico em estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016. Disponível em: < <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/151>>. Acesso em 5 Mar. 2022.

COSTA, F. B. da. **Moisés e Nilce**: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/pt-br.php>>. Acesso em Mar. 2020.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. **O fator humano**. 5 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

DO NASCIMENTO, R. L. et al. O Sentido do Trabalho para o Agente Funerário. **Revista de Ciências da Administração**, v. 21, n. 53, p. 112, 2019. Disponível em:

<https://www.proquest.com/openview/8396586633f2575924246cf31a8cf67b/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1576337>. Acesso em 15 Set 2022.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE: Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em 17 Jun. 2019.

KOVÁCS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do serviço funerário e a questão da morte. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 34, p. 940-954, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/bxQ9gB56ZP9hjk5TfqLKQhb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 12 Out. 2022.

LHUILIER, D. Trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 483-492, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQWnZ39cZTfCWFLnNF5Lzcs/?lang=pt>>. Acesso em 25 Set. 2022.

MALHOTRA, N, K. **Pesquisa de Marketing**: Uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. 27. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SALVAGNI, J. As caminhoneiras: uma carona nas discussões de gênero, trabalho e identidade. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 572-582, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/CvHnzQqtfGRVf79jtDZWBDk/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 25 Set. 2022.